

O CORPO ESCRAVIZADO: MEMÓRIA E PERSISTÊNCIA EM CONTOS NEGREROS DE MARCELINO FREIRE

GOMES, Heloísa Daltro da Silva¹

QUEIROZ, Cláudio Ribeiro Santana²

RESUMO

Neste artigo serão analisados os discursos nos contos: Trabalhadores do Brasil, Nação Zumbi e Curso Superior, mostrando a persistência do escravismo no Brasil contemporâneo e as situações sociais que foram designadas a esses corpos escravizados e subjugados pela sociedade. Isso será feito a partir de alguns dispositivos da Análise de Discurso de Linha Francesa, como suas memórias discursivas, sujeito e ideologia. Além disso, através da análise discursiva desses contos será possível relacionar a realidade dos negros, desses corpos escravizados às injúrias que foram submetidos no período da escravidão no Brasil colônia e que persiste até a contemporaneidade.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Corpos Escravizados. Contemporaneidade.

1 INTRODUÇÃO

Na obra Contos Negreiros, o autor Marcelino Freire traz discursos de pessoas desfavorecidas socialmente que retratam uma imagem apavorante do Brasil contemporâneo. Esses discursos reproduzidos por sujeitos que se constituem pelas falas de outros sujeitos, trazendo a ideia de heterogeneidade discursiva, são provenientes de espaços sociais desfavorecidos, vozes que não acreditam na liberdade que muito foi discutida após a escravidão. Ao decorrer da trama, pode-se observar em alguns contos que as personagens mostram uma indignação perante papéis e os destinos reservados a elas pela bruta realidade.

De acordo com a representação das personagens em condições negreiras na obra de Freire, é perceptível as heranças de um período que perpetua nos dias atuais, o escravismo. Essa herança mostra-se enraizada na sociedade brasileira contemporânea, na qual persiste um sistema social e cultural que ainda designa situações desfavoráveis às condições de vida do negro.

¹ Graduanda do Curso Letras Português da Universidade Católica do Salvador. E-mail: helo_daltrogomes@hotmail.com

² Mestre em Estudo de Linguagens (PPGEL/UNEB). Professor Orientador de Análise de Discurso da UCSal. E-mail: claudio.queiroz@pro.ucsal.br / claudioribeiro28@gmail.com

Neste artigo serão analisados os discursos dos contos Trabalhadores do Brasil, Nação Zumbi e Curso Superior a partir de alguns dispositivos de análise discursiva, como suas memórias, formações discursivas, assujeitamento ideológico, condições de produção e posição-sujeito. Para compreender isso, é preciso conhecer a Análise de Discurso de Linha Francesa (ADLF), pois a mesma concebe a linguagem como mediadora necessária entre o homem e a realidade natural e social. Considerado como fundador da AD de linha francesa, Michel Pêcheux (1938-1983), afirma que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologias. Entendendo o discurso como o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, visualizando como a língua produz sentidos por/ para os sujeitos.

O indivíduo, dentro da AD, é interpelado por sua ideologia. Desse modo, o analista do discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade. Ele organiza seus conhecimentos do campo das Ciências Sociais, juntamente com os da Linguística. Assim, os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística. (ORLANDI, 2005, p. 16).

Portanto, a partir das análises discursivas dos contos selecionados da obra de Marcelino Freire, Contos Negreiros, será possível identificar a persistência do escravismo no Brasil contemporâneo e as situações sociais que foram designadas a esses corpos escravizados e subjugados pela sociedade.

2 MEMÓRIA, SUJEITO E IDEOLOGIA NO DISCURSO DO CONTO “TRABALHADORES DO BRASIL”

Nas vivências dos contos do livro de Marcelino Freire existem um exercício de lembrar e relacionar as durezas da vida, a violência, a que os negros foram e ainda são submetidos. O recurso da memória é utilizado como um olhar da realidade a partir de um enunciador negro não mais dominado e fraco, mas como uma personagem que discorre de forma revoltante acerca da própria situação. A herança do escravismo ainda persiste na sociedade brasileira no século XXI, no qual prevalece um sistema cultural que ainda determina em termos desfavoráveis as condições de vida do negro.

No conto “Trabalhadores do Brasil”, é retratada a vida diária árdua de trabalho dos negros em seus subempregos. Este conto demonstra uma revolta diante de um país comandado por preconceito de raça e de classe. Logo no início do discurso da personagem, são identificadas as distâncias que ainda separam os negros dos brancos na atualidade, a partir das desiguais relações de trabalho:

Enquanto Zumbi trabalha cortando cana na zona da mata pernambucana Olorô-Quê vende carne de segunda a segunda ninguém vive aqui com a bunda preta pra cima tá me ouvindo bem? Enquanto a gente dança no bico da garrafinha Odé trabalha de segurança pega ladrão que não respeita quem ganha pão que o Tição amassou honestamente enquanto Obatalá faz o serviço pra muita gente que não levanta um saco de cimento tá me ouvindo bem? (FREIRE, 2012, p. 19-20).

O indivíduo não nasce com formas prontas de pensamentos. Essas formulações são dadas ao longo de um processo sócio histórico de condições de produção que remetem o sujeito a determinadas palavras e expressões. A ideologia, de acordo com Orlandi (2015), é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos e, assim o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Visto que para ser sujeito do que diz, o indivíduo deve ocupar uma posição. Dito isto, o personagem em sua posição-sujeito de um indivíduo desfavorecido socialmente é interpelado por uma ideologia que faz com que sinta uma indignação ao que vive.

Através da memória discursiva, resgata-se a história de um povo para que sua significação possa ser reconstruída, ao utilizar personagens como: Zumbi, Olorô-Quê, Odé, Obatalá, Olorum, Ososhe, Rainha Quelé, Sambongo, que trazem referências africanas e são representadas no conto como subempregados do Brasil, trabalhadores explorados pelo sistema capitalista que se esforçam nas posições inferiores para sobreviver em um país comandado por tantos preconceitos.

Essa memória discursiva “sustenta o dizer em uma estratificação de formulações já feitas mas esquecidas e que vão construindo uma história de sentidos (ORLANDI, 2015, p. 52) e assim o personagem traz para o seu discurso, através de uma memória discursiva a expressão popular “pão que o Diabo amassou” por processo polissêmico que é um deslocamento de sentido. O personagem afirma que “Odé trabalha de segurança pega ladrão que não respeita quem ganha pão que

o Tição amassou honestamente” (FREIRE, 2012, p. 19-20), interpelado ideologicamente em sujeito traz a expressão popular com sentidos diferentes para produzir efeitos no seu discurso, adequando-a também a uma determinada situação social. Percebe-se, então, que a memória discursiva é social por ser formada por ditos que ao longo do tempo são repetidos, até que passem a fazer parte da nossa memória discursiva a ponto de não conhecermos a origem do nosso dizer.

“Podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” Orlandi (2015, p.37). A construção de sentido se dá a partir do lugar no qual a fala do sujeito é constituída. Afinal, a sociedade é constituída por relações hierarquizadas, que são sustentadas pelo poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na comunicação. O conto leva a uma determinada situação de exploração através de relatos de lamentação. No final do discurso desta narrativa contém uma frase muito impactante falada por um negro: ninguém é escravo de ninguém. O contexto sócio-histórico-ideológico que permeia esse sujeito demonstra uma ironia relativa ao quanto há de escravidão na vida cotidiana e como as funções mais degradantes do mercado de trabalho ainda são preenchidas pelos negros.

3 SUJEITO E IDEOLOGIA NO DISCURSO DO CONTO “NAÇÃO ZUMBI”

O conto Nação Zumbi mostra a pobreza, o comércio ilegal e o corpo como moeda. Esses aspectos mostram como existe persistência da escravidão na contemporaneidade, levando os negros às margens da sociedade:

“E o rim não é meu? Logo eu que ia ganhar dez mil, ia ganhar. Tinha até marcado uma feijoada pra quando eu voltar, uma feijoada. E roda de samba pra gente rodar [...]E o rim não é meu, sarava? Quem me deu não foi Aquele-lá-de-cima, Meu Deus, Jesus e Oxalá? (p.53)

Esta narrativa retrata uma profunda decadência humana que discorre sobre um negro que tem a atitude de vender os próprios órgãos do corpo para matar a fome. Para poder entender um discurso em que o sujeito vê frustrada sua tentativa de vender o rim, é preciso compreender o contexto sócio-histórico-ideológico que permeia este sujeito.

Ao fazer uma análise do contexto histórico-social que os sujeitos pertencem, consegue-se perceber que o materialismo histórico, que Orlandi (2015) define como que a história tem seu real afetado pelo simbólico (os fatos reclamam sentidos), atua em circunstâncias em que os sujeitos participam como membros de uma sociedade que possui diferentes classes sociais, sendo que o sujeito enquanto membro dessa sociedade assume determinados papéis que lhes são designados. Ainda aqui, o sujeito reivindica o direito de vender um órgão de seu corpo como forma de sobrevivência. Por isso, fica claro que este sujeito pertence a um contexto sócio histórico deplorável. Dentro de uma determinada formação discursiva, este sujeito é interpelado ideologicamente para acreditar que única forma de sobreviver é vendendo seu rim.

Analisando este conto, é possível perceber o quanto são restritas as oportunidades de uma vida digna para este personagem, que pode ser tomado sem maiores riscos como representante de parte significativa da população brasileira e, também o quanto é frágil a democracia, constituída por conceitos abstratos de cidadania que não oportunizam a amplos segmentos sociais a possibilidade de viver do próprio trabalho preservando o corpo da cobiça do mercado internacional de órgãos.

Através da memória discursiva é acionado situações vivenciadas no período da escravidão. O sujeito, inconscientemente, mostra em seu discurso que os negros ainda não são vistos como donos dos seus próprios corpos, como pode-se perceber nesta passagem da trama: “E esse rim não é meu, bando de filho da puta? Cuidar da minha saúde ninguém cuida” (FREIRE, p. 54-55). Sendo assim, pode-se perceber o quanto ainda prevalece na sociedade uma cultura escravocrata que toma para si aquilo que é do outro.

Outro aspecto analisado neste discurso é que este indivíduo interpelado em sujeito traz expressões da Religião Candomblecista que produz efeitos no seu discurso. [...] “a ideologia faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição dos sujeitos e dos sentidos”. (ORLANDI, p. 44). É por meio da ideologia que os sujeitos são percebidos e encontram seu lugar na sociedade. Analisando esse fragmento do discurso: “Meu sonho não foi sempre o de voar, feito um Orixá?” (FREIRE, p. 54-55),

esse sujeito é interpelado ideologicamente para reproduzir em seu discurso expressões que mostram a sua relação com a religião candomblecista:

4 ASSUJEITAMENTO IDEOLÓGICO NO DISCURSO DO CONTO “CURSO SUPERIOR”

Muito tempo já passou após o início da escravidão, mas os negros ainda sofrem muitas injustiças de várias formas. Esse passado sofrido da população negra reflete na sua condição de pobreza, na exclusão social, na negação de seus direitos. Tudo isso causa as persistentes desigualdades raciais e sociais com esse grupo da sociedade.

O sujeito e o mundo se relacionam pela ideologia. Orlandi (2015) diz que o sentido é história e que o sujeito do discurso se significa na/pela história. O indivíduo deste conto é assujeitado por uma ideologia que produz efeitos no seu discurso de um modo que se vê as frustrações causadas por toda discriminação sofrida. Para Orlandi (2015) a ideologia é constitutiva tanto do sujeito quanto da produção de sentidos. A partir de uma determinada ideologia é possível perceber os motivos das frustrações do personagem, como as marcas da escravidão que persiste até os dias de hoje.

Sendo assim, no discurso do conto “Curso superior”, um indivíduo (físico) negro interpelado em sujeito por uma ideologia de uma sociedade preconceituosa expõe para sua mãe seu medo em frequentar espaços em que predominam pessoas com melhores condições financeiras. A desconformidade no sistema educacional brasileiro faz com que a população desfavorecida, ao competir por uma vaga na universidade ou em um emprego, esteja sempre em desvantagem devido à baixa escolaridade.

No fragmento “O meu medo é entrar na faculdade e tirar zero eu que nunca fui bom de matemática fraco no inglês eu que nunca gostei de química geografia e português o que é que eu faço agora hein mãe não sei” (FREIRE, 2012, p. 97) é notório uma insegurança para entrar em uma faculdade devido às experiências que teve de um ensino defasado e, por ser interpelado por uma ideologia que traz os

resquícios da escravidão e seu reflexo na sociedade contemporânea, por isso considera-se incapaz de prosseguir com o curso:

Orlandi (2015) afirma que os dizeres são efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando pistas para a compreensão dos sentidos produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Assim, a partir do contexto sócio-histórico-ideológico e do lugar de fala, o sujeito deste discurso prevê sua entrada em um curso superior como algo inseguro, pois a faculdade para ele, em vez de ser vista como um ambiente de aprendizagem, será só mais uma instituição que espelha as injúrias de uma sociedade preconceituosa.

Por meio da posição que este sujeito ocupa no discurso consegue-se ainda destacar, a partir de um lugar de fala de um sujeito angustiado, o medo de se relacionar com uma mulher branca, por causa da aceitação da família e da sociedade.

O meu medo também é do pai da loira gostosa e da mãe da loira gostosa e do irmão da loira gostosa no dia em que a loira gostosa me apresentar para a família como o homem da sua vida será que é verdade será que isso é felicidade hein mãe não sei. (FREIRE, 2012, p. 97-98).

Por passar por muitos preconceitos, para este indivíduo, ter uma namorada branca traria complicações para sua vida.

[...] “Na reprodução das relações de produção, umas das formas pela qual a instância ideológica funciona é a da ‘interpelação ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico” (BRANDÃO, 2004, p.46), nessa interpelação os indivíduos se transformam em sujeitos por meio da ocupação em grupos ou classes de uma determinada formação social. Por isso, o sujeito deste discurso, a partir deste assujeitamento ideológico, sente-se refém de uma sociedade preconceituosa que o obriga a ficar nesta prisão da exclusão, na falta de oportunidade e na baixa escolaridade.

Assim, existe uma relação do sujeito com o contexto sócio-histórico-ideológico no qual está inserido e as circunstâncias em que o discurso foi proferido por um enunciador afetado pelas injúrias que ele é submetido na sociedade por ser negro,

seus sofrimentos e angústias. É perceptível uma aflição por viver os preconceitos da sociedade como se estivesse vivendo uma escravidão na nos dias de hoje. Além disso, neste discurso resgata-se, na memória discursiva, a época da escravidão no Brasil colonial, onde uma das formas de controlar os escravos eram os castigos físicos. Por essa formação ideológica dada, o sujeito se inscreve em uma formação discursiva de uma persistência da escravidão na atualidade, trazendo ainda a ideia do castigo, porém psicológico. Por isso, a personagem se preocupa muito com o que iria acontecer com ele, caso não seguisse o que a sociedade preconceituosa determina: “o que é que eu faço agora hein mãe não sei”. (FREIRE, p. 94) Com esse questionamento que rodeia todo o discurso, mostra a aflição de estar preso a uma situação e não saber a solução para sair dessa prisão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de alguns dispositivos de análise discursiva francesa, percebe-se que a partir da memória, pode ser identificada uma construção de passado articulando-se com o presente que influencia o sujeito no convívio social. [...] “Todo discurso se delinea na relação com outros dizeres presentes e que se alojam na memória” (ORLANDI, 2005, p. 43). A partir dessa memória discursiva foi possível mostrar a persistência do escravismo no Brasil contemporâneo e as situações sociais que foram designadas a esses corpos escravizados e subjugados pela sociedade.

Sendo assim, muitas injúrias raciais ainda persistem na sociedade brasileira, mesmo depois de séculos após o início da escravidão, os negros continuam enfrentando terríveis condições de penúria na vida social. Sendo o passado sofrido de exclusão da população negra sua condição de pobreza, a negação de seus direitos após a abolição da escravidão no Brasil, em 1888, causa as persistentes desigualdades raciais e sociais nesse grupo da sociedade.

Portanto, de acordo com os discursos dos contos Trabalhadores do Brasil, Nação Zumbi e Curso Superior da obra de Freire, é perceptível as heranças de um período que perpetua nos dias atuais, o escravismo. Sendo assim, essa herança mostra-se enraizada na sociedade brasileira contemporânea, na qual persiste um



sistema social e cultural que ainda designa situações desfavoráveis às condições de vida do negro.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do discurso**. 2ª ed. rev. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2004. 117 p.

FERREIRA, Lucília Paula de Azevedo; MORAIS, Maria Perla Araújo. **A Representação dos Afrodescendentes em Contos Negreiros, de Marcelino Freire**. 2016, Universidade Federal do Tocantins.

FREIRE, Marcelino, *Contos Negreiro*. Ed Record, São Paulo 2006.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso: Princípios & Procedimentos**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de discurso: Princípios & Procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, Michel, et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2006.